

O horário de trabalho

E' assombroso o que se está passando com a execução do decreto sobre o horário de trabalho. Por essa província fora, o decreto não se cumpre, provocando a atitude dos patrões conflitos constantes com os operários.

As autoridades administrativas, às quais incumbe, segundo esse decreto, o fazê-lo cumprir, solidarizam-se com o patronato contra os operários!

O governo, que tão zeloso se mostrou a favor das forças vivas, aceitando-lhes a sugestão das deportações, está no entanto quedo e mudo a todas as reclamações e protestos, que vêm sendo feitos contra as forças vivas que resolveram pura e simplesmente não fazer nenhum caso da legislação da República que não seja feita no seu próprio interesse.

O horário de trabalho, sem se ter ainda estabelecido o *habeas corpus*, é, afinal, uma ficção. A verdade é que, quando os patrões desrespeitam o horário de trabalho, há o recurso para as autoridades. Mas quantas dessas autoridades não fazem caso nenhum das reclamações?

Se não h. t. *habeas corpus*, quem poderá fazer a devida justiça?

Aí tem o governo um assunto em que podia mostrar que o não move nenhuma má vontade, nem indisposição contra a classe operária, dando razão a esta, que não faz senão reclamar o que, aliás, lhe foi já na lei concedido.

Talvez o governo não saiba que, por exemplo, em Mourão, a propósito do horário de trabalho, se diz: "Em Mourão, fazem a lei os que cá estão". Pois pelo resto da província é assim também: os que lá estão é que fazem a lei, e fazem-na ao sabor das suas conveniências.

O governo, que tanta energia mostrou contra os operários que mandou prender, que pensa fazer agora em face desta atitude de subordinação das próprias autoridades administrativas que não fazem cumprir o decreto? Limita-se a oficiar-lhe para que cumpra a lei?

Nas vésperas de eleições, nós sabemos o que isso é. Pela mesma razão que até se deixa jogar a batota, para não ofender o influente eleitoral, vai-se deixar explorar e sacrificar a classe operária. O mais interessante é que essa gente, assim protegida, come a isca que o governo dá, e afasta-se do anzol, indo voltar nos monárquicos...

A opinião conservadora e os assassinatos praticados pela polícia

A muitas pessoas conservadoras, amigas da actual ordem social a que estão indissoluvelmente ligadas pelos interesses, é vulgar ouvir-se afirmar a sua repulsa pelos crimes, e por todos os actos humanos que estão fora da lei. Comece-se um atentado e logo ésses conservadores aparecem cheios de maior indignação, a pedir um castigo inexorável e rápido para todos os culpados e mesmo para as pessoas que com elas de perto vivem, ainda que estejam inocentes.

Os jornais de grande circulação, essencialmente conservadores, porque estão enfeudados às grandes empresas capitalistas, fazem-se éco dessa indignação que transparece nos largos e comovedores relatos em que o autor do atentado é acionado de todos os defeitos, possue tódas as taras mesmas as piores, e a vítima é sempre muito simpática, possue tódas as qualidades, inclusivas as melhores e é, pelo menos—um santo.

Esses mesmos jornais costumam falar proximamente das ideias mais avançadas e afirmam sentenciosamente que as mais rastigadas esperanças podem existir e as mais largas reivindicações devem fazer-se—mas dentro da lei. A lei, o respeito pela lei, a obediência às normas jurídicas porque se rege a sociedade, são os chavões, os esterços chavões que com grande ênfase se citam. O atentado seja a tiro, seja à bomba é inútil, é pernicioso, é desumano, merece a reprovação de tódas as consciências bem formadas.

Muito bem. Agora, que a polícia espanca presos, agora, que a polícia assassina presos, onde estão ésses inimigos dos crimes, esses defensores impotentes da lei, de tódas as normas jurídicas porque se regem as sociedades? Onde se metem que os não vemos? Onde está a sua voz que se não ouve? Onde está a sua indignação que se não sente?

Estão onde estavam—mas silenciosos, estavam onde estavam—mas aplaudindo baixinho e particularmente o que não usam aprovar alto e publicamente. O crime ao vestir a farda de polícia, tornou-se lei e lei superior a tódas as leis, lei que revoga tódas as leis! A pena de morte há longos anos ainda longe da monarquia cair, foi abolida. Em plena república, uma vibrante campanha feita contra um homem que, num mo-

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2010

NO PARLAMENTO

Os espancamentos e as deportações

O dr. sr. José Domingues dos Santos insurge-se contra o procedimento ilegal do governo e contra as iniqüidades da polícia

Não há ninguém no parlamento que não seja agitador; todos agitam ideias, e estão sempre a ser presos injustificadamente.

Por esse motivo ninguém pode concordar com as deportações sem julgamento.

Protesta contra os espancamentos das prisões, que representam um atentado aos princípios de democracia. Os espancamentos representam uma monstruosa desumanidade.

Quando a polícia agride um preso, sem respeito pela dignidade humana, não é a dor física que mais o atormenta, é a dor moral de se sentir transformado num farrapo.

Tem a certeza de se terem agredido presos.

Ainda há dias lhe mostraram a camisa dum preso, ensanguentada, com sinais dos vergões de cavalo marinho.

É necessário proceder com rigor contra quem comete esse crime.

Enquanto isso se não fizer constituir-se há acusador público desses indivíduos.

Os crimes da "Legião Vermelha" não justificam os processos usados pela polícia. Um crime não justifica outro.

Às lados dos militares revoltosos havia civis armados com bombas.

Dias depois de vencida a revolta enviaram civis para as colônias, mas não eram esses os outros que queriam defender a república.

Apodaram-no de aliado da "Legião Vermelha", e por esse motivo não protestava ainda contra as deportações. Mas como diz sempre o que pensa vai referir-se a elas.

O deputado Cunha Leal disse, no parlamento, que ao serviço da Polícia de Segurança do Estado estiveram elementos da "Legião Vermelha".

Esse facto dá-se ainda no presente momento. O facto de se pagar a um homem para obter informações não significa que se pactue com as organizações a que esse homem pertence.

Não conhece ninguém da "Legião Vermelha". Nunca com elas tratou. Quere dizer o que pensa das deportações.

Os "legionários" são criminosos? do delito comum, e, para os castigar há no código um artigo sobre associação de malfeitos.

Quando presidente do ministério mandou soltar quem estava preso há mais de oito dias sem culpa formada, porque a lei assim o manda, nem querendo saber quem eram.

O afastamento da lei é um abuso.

Os elementos da "Legião Vermelha" têm de responder perante os tribunais.

Sendo deportados, sofrem um castigo por tempo indefinido, pena que não existe nos códigos.

O governo cumpre pôr-se dentro da lei fazendo os regressar. É mais digno protestar contra as deportações de legionários antes de se ter averiguado da sua culpabilidade.

Qualquer indivíduo pelo facto de ser criminoso, nem por isso deixa de ser homem, e de estar ao abrigo das garantias constitucionais.

Carlos de Vasconcelos protesta contra uma acusação feita por Agatão Lança de se ter fornecido bilhetes para as galerias a "legionários", no dia em que foi derrubado o governo José Domingues dos Santos. Diz que houve alguém nesse dia que também forneceu bilhetes aos batoteiros.

Pedro Pita, Carvalho da Silva e Lino Neto usam da palavra para dizer que não foram parlamentares dos seus partidos que distribuiram esses bilhetes.

Nem só do pão vive o homem

RENOVAÇÃO combaterá o privilégio da arte e da cultura pugnando pelo direito do povo ao prazer da vida e do espírito

No seu apostolado de divulgação de novos horizontes sociais, pretende a Secção Editorial de *A Batalha* com a revista *Renovação*, que vai editar, prosseguir na sua obra de educação popular e emancipadora.

Renovação, com efeito, pretende completar a propaganda por *A Batalha* e do seu *Suplemento*, por meio da emoção e do interesse artístico, sabido que grande é a eficácia da propaganda pois este sistema sobre muita gente, sobretudo nas mulheres que gostam das ideias mais atrevidas e rebeldes, desde que lhes ofereçamos envoltas em bons sentimentos e diluidas através de episódios românticos e de beira literária e artística. Há espíritos superficiais, refratários a doutrinamentos e filosofias para quem os artigos de documentação e demonstração são tidos como uma maçonaria. Há também pessoas de cérebros obtusos, fechados a todo o raciocínio em que os ideais lhe poderão penetrar pela porta do sentimento. Para estes, o aspecto gráfico, a fotografia, a caricatura são indispensáveis para compreender o que da leitura não apreendem ou dificilmente assimilam.

Esta é a ação magnífica destinada a realizar pela revista *Renovação*. Ela fará destacar, com o seu feito magistral, leve, curioso e interessante e ainda pelo seu aspecto gráfico e pelas suas ilustrações, o sentido artístico e emotivo que se desprendem das nossas concepções libertárias, altamente humanas.

Renovação será o testemunho de que ao operado não é indiferente as manifestações artísticas, as concepções de beleza. *Renovação* estará gritando alto e permanentemente mentis, aquelas que afirmam que os trabalhadores só se preocupam com

o materialidade da vida, só se interessam pelas reivindicações económicas. *Renovação* exprimirá o desejo do povo de embalar a vida, sua ânsia de uma vida superior, humana, exuberante, que não poderá nunca limitar-se às exigências de mais pão. Sim, pão para todas as bocas como o primeiro direito e a primeira necessidade do animal; mas também mais beleza, mais amor, mais largos horizontes para o nosso espírito—porque somos homens. Abaixo o privilégio da Arte, do gôgo espiritual para uma casta—bradarão o povo trabalhador através das páginas quinzenais da *Renovação*.

Notas & Comentários

Vivo ou morto?

Na madrugada de domingo transacto, a polícia foi buscar a um dos cabaloucos do governo civil o operário manipulador de pão Manuel Pereira. Minutos depois os presos que se encontravam nos cabaloucos ouviram duas detonações de armas de fogo. Alguns momentos passaram e um polícia — que assassinou Diamantino da Anunciação—aparecia a buscar o chapéu de Manuel Pereira.

Não sabemos o que se teria passado. Publicamos esta informação, no intuito de que nos seja indicado onde Manuel Pereira se encontra—vivo ou morto.

As fechanças do "doutor"

Os nossos camaradas Carlos José de Sousa e Luís Gomes Adão, do quadro gráfico deste jornal, foram ontem assistir à sessão da Câmara dos Deputados. Escutaram, com a compostura e o sossego que são aparente das pessoas que não pensam à maneira do sr. Agatão Lança, o que lá ontem se disse. Aí saída, a polícia conduziu-os, sob prisão, para a esquadra do Canhão Novo.

A explicar a sua detenção, disseram-lhes

DUAS ENTREVISTAS

Em defesa dos direitos humanos

O dr. sr. Pestana Júnior, ex-ministro das Finanças, proclama a ilegalidade das deportações, condena a brutalidade das agressões policiais e verbera o assassinato dos presos

medindo tódas as palavras, não vão elas prestar-se a uma indiscrição do *reporter*, prossegue:

— Aceite por momentos que um preso cometeu delito que criou na opinião pública um estado de espírito desfavorável. O ambiente que o cerca podia muito bem amanhã ser motivo duma condenação. Fora desse ambiente já o fenômeno não existe e as consequências são bem diferentes.

Os espancamentos e a morte de Domingos Pereira

A conversa deslousa agora para o terreno dos espancamentos a presos. Arriscámos a seguinte interrogatório:

— O que diz V. Ex.º aos espancamentos dos presos?

— Os espancamentos de presos são de tal forma bárbaros e repugnantes que à minha sensibilidade de jurista e de homem da minha época me custa a aceitar como verdadeiros. Só os concebi no Miguelismo e posteriormente no sidonismo como consequência daquele regime ditatorial.

— Mas há provas doutor...

— Não devo contestar, nem pretendo afirmar que elas existam. Há dias estava eu na redacção do *Mundo* quando duas mulheres ali apareceram com uma camisa ensanguentada que me horrorizou. Ter que acreditar que aquele sangue era proveniente dos espancamentos causa-me calafrios, e a ser autêntico não sei como devo classificar os seus autores que, em meu entender, devem ser rigorosamente punidos.

— Não ignora que houve mais de que espancamentos. Duas mortes já se registaram...

— Bem sei o que se alega. É legítimo. Eu sou dos que reconheço que a sociedade não pode estar à mercê desses crimes vulgares. Autores de assaltos a clubes, a cobradores, autores de atentados dinâmicos e a tiro, devem ser punidos severamente como manda a própria segurança do cidadão.

— E como entende que deve ser exercida esta defesa?

— Possuímos leis que a garantem. E, note, a celebridade de que gosou a "Legião Vermelha" nunca existiria se os jurados não manifestasse tanta cobardia e os serviços judiciares não enfermavam de tantas deficiências. A isto se deve o estado de espírito daquele governo.

— E como entende que deve ser exercida esta defesa?

— Perfeitamente. Não quero mesmo confundir ideias generosas com escenas de banalidão. A organização operária, pela boca dos seus prestimosos militantes, tem muito dignamente vadiado a testada. Não podemos balhar no mesmo monturo o homem que luta por uma ideia e o bandido que rouba ou assassina com delitos alheios!

— Perfeitamente. Não quero mesmo confundir ideias generosas com escenas de banalidão. A organização operária, pela boca dos seus prestimosos militantes, tem muito dignamente vadiado a testada. Não podemos balhar no mesmo monturo o homem que luta por uma ideia e o bandido que rouba ou assassina com delitos alheios!

— Se é deputado, não pode ser preso?

— Sim, do melhor grado. Conheço Jaurés por não ter cumprido na cadeia 20 meses de prisão por um delito que foi julgado e absolvido. Tenho por ele uma certa comiseração, sentimento que me merecem todos os deentes que aquele advogado também não deu.

— V. Ex.º pode dizer-nos o que há de verdade no caso de que *O Século* se faz eco?

— Sim, do melhor grado. Conheço Jaurés por não ter cumprido na cadeia 20 meses de prisão por um delito que foi julgado e absolvido. Tenho por ele uma certa comiseração, sentimento que me merecem todos os deentes que aquele advogado também não deu.

— Como se comprehende a atoarda?

— Como se comprehende outras coisas. *O Século* está bem informado pela polícia, mas dessa vez ambos se enganaram.

— Mas não quer deixar de salientar o seguinte: Não contribui como disse, mas se tivesse subscrito alguma verba numa subscrição que um homem em pleno gôdo de liberdade me apresentasse não tinha que dar satisfação dos meus actos a quem queresse.

— Mais não daria motivo a inconvenientes?

— Não, senhor! Foi contrário. O argumento ainda seria beneficiado, como lhe vou explicar.

Uma pequena pausa interrompe a entrevista. O dr. sr. Pestana faz um cigarro que cigarreiro que serviu aos galanteios do velho pardieiro que serviu aos galanteios do

menino de móbida excitação, com o desejo de ser discutido, pretendeu propor o seu restabelecimento, provou que o país nutre a maior das repulsa por essa pena bárbara.

E a população quando manifestou repulsa pela pena de morte e a monarquia quando a aboliram, sabiam que ela só seria aplicada a tódas as leis, e fuzila quem lhe apraz. Tem sido assim bastantes vezes. Foi assim nos Olivais. E não se protestou, achou-se normal, achou-se lógico, achou-se humano que a polícia se sobrepuze à lei.

E a indignação dos amantes da lei? Essa não existe desde que os crimes passaram a ser praticados pela Legião Preta—por aqueles indivíduos que são pagos pelo Estado para fazer respeitar a lei.

São muito respeitáveis—os

PÁGINAS ALHEIAS

A profissão em função da actividade social

Escolher uma carreira! É um problema bem difícil, em minha opinião, de resolver na sociedade presente, e que exige por isso a máxima ponderação, além de uma consciência apurada, de uma noção de responsabilidade social a mais aperfeiçoada possível; tudo isto independentemente da cultura teórica e prática que se tenha adquirido para exercer qualquer profissão, cujo desempenho ainda impõe ao indivíduo, que queira servi-la, aptidões especiais, inclinação intelectual e condições físicas, de constituição adequadas.

Porque, escolher uma carreira, que irá requerer de nós, não só um acento de actividade sobre a que a nossa vida, até então desencapada, já exercitava, mas ainda uma natural predisposição para ela, não é coisa para ser encarada de leve.

Quanto a mim, pondo de lado as causas derivadas da organização social,—que, sem dúvida, são importantes,—estou convencido de que, em virtude da falta de ponderação nesse acto, três quartas partes, talvez, da população, se não de todo o país, pelo menos, das cidades, estão deslocadas nas suas profissões. A razão, a meu ver, é que, em geral, se atende apenas ao fim utilitário imediato, com o mínimo esforço possível, sem se procurar saber se, com essa utilidade pessoal e imediata, se irá prejudicar o agregado social, mercê de não se haver preocupado o candidato a carreira (ou por ventura, por ele, o seu mentor), com a possível circunstância de a sua própria psicologia, o seu temperamento, a sua sentimentalidade e intelectualidade não serem adaptadas ao mister ou profissão que tem em vista.

Resultado desta incúria: a profissão é mal desempenhada; o profissional não lhe tem amor; não sente a sua profissão, não a cultiva, não se educa convenientemente; não se aperfeiçoa.

E, assim, éste profissional, que, no fim de contas, apenas o é no nome, que poderá ser, ou vir a ser, um valor social, se fosse bem orientado sobre qual deve ser a função do ser humano na sociedade, tornou-se num valor negativo, por deixar de prestar, à mesma sociedade, o serviço que também lhe cumpria, com o cabal exercício da sua profissão, e evita que outrem ocupe o seu lugar, com real proveito para a gente; isto é: causa mal aos seus companheiros, aos seus semelhantes, e, cumulativamente, ao conjunto social.

É, como tudo na natureza se relaciona e se não pode afetar uma parte do todo sem que esta se sinta também atingida, sucede que este indivíduo,—e se não é, os seus pares, aqueles que lhe seguiram as pelejadas os seus processos desconexos e totalmente egoísticos, através dos tempos, de geração em geração,—vém, mais tarde, mas cedo a sofrer, por choque reflexo, as consequências dos males de que enferma o cidadão, por esta ser imperfeitamente, contraproducentemente, servida pelos seus membros.

E' preciso não esquecer que, se o indivíduo pode actuar no meio, este reage sobre aquele.

Se eu, por exemplo, sou um mau forjador, um mau serraleiro,—e quem diz éste diz qualquer outro mister,—se, comoigo, os meus pares no ofício forem semelhantemente... inferiores artífices, e estas condições se prolongarem na sucessão dos tempos, chegará um momento em que os carpinteiros, os serraleiros, os ferreiros, etc., sendo mal apetrechados por aqueles que lhes fornecem ferramentas imperfeitas—verdadeira sucata,—não poderão dar em troca senão artefactos tóscos, mal aparelhados e mal construídos, com risco gravíssimo das comodidades que os serraleiros, etc., procuravam com a aquisição desses artífices, que, afinal, foram obtidos com grande dispêndio de energias.

Quero dizer: a sociedade foi prejudicada em grande número dos seus membros, e não pode dar-lhes a felicidade a que aspiravam.

Os resultados seriam os mesmos, se as profissões fossem das chamadas liberais, e, numas ou noutras, o mesmo aconteceria, fosse qual fosse o número delas.

O conjunto das forças económicas de qualquer agregado social deve, fatalmente, sofrer, desde que uma ou mais delas sejam imperfeitas; e esse estado mórbido reflete-se há na moral e na estética desse agregado.

Ora, julgo eu—e nisto exponho um critério muito pessoal, que pode estar errado, —julgo eu que, na escolha de uma carreira, independentemente de se visar o proveito pecuniário pessoal e imediato que a profissão possa oferecer, se impõe o ponderarmos o problema sob dois aspectos:

1º a utilidade social e individual da carreira ou profissão.

2º as possibilidades fisiológicas, psicológicas e técnicas do candidato.

Pomos de parte o segundo aspecto, para só cuidarmos do primeiro.

E, sob tal prisma, assaltam-nos, imediatamente, várias dúvidas:

Qual ou quais são as carreiras úteis no

que o doutor os tinha visto na galeria reservada, o que parece não ser do seu agrado.

E' claro que, como o seu visto pelo doutor não constitui delito, a polícia numa hora de lucidez que nos encheu de espanto, mandou os em liberdade.

Uma coisa, porém, nos intriga, como intrigou os nossos camaradas: quem raiu se ria o doutor? Como nem eles, nem nós, talvez por nos faltar a perspicácia do chefe Xavier, sejamos capaz de saber quem se riu o doutor, ficamos pelo certo arriscados a passar diante dele, sem abotoar preventivamente o casaco.

Aclarando

Referimos aqui, há dias, que o aspecto gráfico do Rebate era exacerbal. Essa referência não atingia o seu quadro gráfico, pois este não pode, apesar da sua competência técnica, suprir as deficiências dum material antiquado e inestético.

Os artistas líricos

Uma comissão de artistas líricos portugueses procurou-nos para pedir o apoio de A Batalha a uma reclamação justa que vão formular. Pretende a referida comissão que o teatro de São Carlos, que tem andado de mão em mão, entregue a empresas que nem sempre o estimam, nem compreendem a sua função, seja entregue aos artistas líricos portugueses, como o Teatro Nacional, e que os artistas de declamação. Parece que há nas instâncias oficiais quem opõe à resistência a tão legítima pretensão.

A Batalha, que sempre patrocina as causas justas, não negará aos artistas que nos procuraram o seu desinteressado apoio, certo de que contribuirá para o progresso dum arte que muito abandonada anda da projeção que merece.

A guerra gerando monstros

Um grande médico que a guerra transforma num facínora

A imprensa francesa está neste momento ocupando-se dum caso interessante, girando à volta dum crime sensacional.

Na secura das primeiras informações enviadas pela polícia, o drama limita-se a este simples facto: Em casa dum médico de Marselha foi encontrado, num armário, o cadáver dum cobrador bancário, ali oculto, há perto de três meses.

Interrogado pelas autoridades, o médico declarou que o morto era um antigo camaraçado que depois de receber um tratamento

character moral foi violentamente atingido também.

A guerra produziu imensas vítimas desse género. Em resultado de graves ferimentos no crânio, notava-se nas vítimas da monstruosa hecatombe, graves perturbações psíquicas, que modificaram completamente o carácter dos feridos.

E o caso do dr. Bourgrat, o médico assassino de Marselha, médico de valor, durante a guerra, agora acusado de uma enfiada de crimes.

Uma vez reformado, depois da sua multilação na guerra o dr. Bourgrat mudou completamente as normas da sua conduta moral. Dir-se-há que a guerra levou-lhe, completamente, a sensibilidade tornando-o incapaz do discernimento do bem. Transformou-o completamente. Em vez dum sábio, dum altruísta, como até então, fazendo uma vida de laboratório, o dr. Bourgrat era vistojoso nos mais infetos lugares de prazer, nos bairros mais suspeitos.

Entregeu-se desenredadamente ao jogo, e muitas vezes voltava a casa, altas horas da noite, com o vestuário feito em farrapos, horrivelmente sujo. Era, enfim, um outro indivíduo. A guerra matou um homem, um médico, um carácter, devolvendo à vida, um semi-vivo, um boneco, um degenerado, um monstro.

As suas declarações confirmam, plenamente, esta observação. Ele perdeu a consciência completa dos seus actos, uma falha de memória, um eclipse de inteligência, que é fácil verificar nestas palavras: «Quando voltei, encontrei-o morto. Suicidou-se. De que maneira não sei».

E lógico um médico não o saber? Não está aqui a confissão da morte do médico a existência dum outro Eu?

Mas há mais:

«Nem sequer sei o motivo porque escondei o meu cadáver».

Loucura, epilepsia, automatismo, reveladores dos efeitos da perturbação cerebral resultante dos ferimentos em campanha.

Até à guerra, a guerra gerando monstros, assim como testemunha, neste processo sensacional, veio declarar, que o assassino fôr durante a guerra um notável clínico, citado constantemente na ordem do dia, e ferido várias vezes, no exercício da sua altíssima missão. Dum desses ferimentos fôr cego, durante cinco meses, tendo de sofrer uma operação de trepano. A substância cerebral fôr rudemente atingida e o

seu duplo aspecto: proveito próprio do profissional e vantagens sociais para a geração?

Qual ou quais melhor concorrerão para o progresso da sociedade, para o seu aperfeiçoamento?

Eis as perguntas que todos devem fazer á sua consciência: eu tenho esta aptidão: como hei de aproveitá-la em função da utilidade social, encarando aqui a utilidade num sentido largo e ideológico do Bem, da Justiça, do Amor social?

E como as carreiras são diversas, ele devia escolher, entre as que reputar de úteis, aquela que melhor, não só corresponde á sua fisiologia, ao seu temperamento, aptidões, mas também que satisfaça o seu ideal social.

Mas, para se atingir este escopo, é indispensável que se tenha já criado uma consciência social, que estejamos o mais possível libertos das influências perniciosas do meio em que vivemos, a fim de que não sejamos envenenados, em nosso critério, pelos preconceitos de toda a espécie, que caracterizam a organização social vigente, a qual nos faz tomar por ouro de lei o que é apenas europeu; que nos inculca como um gesto heroico e de elevada moral o que é no fundo, uma imoralidade, ou um acto anti-social.

E assim tem havido e há carreiras ou profissões tidas e havidas como nobres, utilíssimas e honrosas, que, através dos tempos, têm perdido o seu alcance social, mudando de lugar na escala dos valores colectivos.

Há carreiras, cuja existência implica sempre quebra da lei da solidariedade social. Há carreiras que contêm, em si próprias, o germe de actos anti-sociais, que ofendem a integridade individual, quer sob o aspecto biológico—contrárias à vida do semelhante—quer sob o aspecto estético—contrárias à beleza e aos belos e bons sentimentos—quer, ainda, sob o aspecto intelectual—contrárias à livre expansão da ideia.

Nestes casos, como gravosas da felicidade social, estão as carreiras das armas, a eclesiástica, a da magistratura, a do comércio, etc.—carreiras estas que a opinião pública, no seu íntimo, já condena, mas que a hipocrisia dos costumes ainda mantém com um falso esplendor emprestado a uma tradição e a um passado apodado de brilhantes, de prestímos e... de maior proveito.

Deslumbradas por estas aparições brilhantes, mas enganosas, a maior parte das pessoas cífram toda a beleza da vida humana, todo o orgulho da sua existência, a sua aspiração ao bem-estar material e social, nas suas carreiras.

E assim como, por exemplo, no nosso país, os trabalhadores do campo só, desde tempos remotos, considerados gente infame e desonesta, o enriquecimento orgânico só tem um imenso poderoso

PROTAGONISTA NATURISTA
Duas interessantes conferências
do dr. Nigro Basciano

O dr. Nigro Basciano vai realizar brevemente no teatro Nacional uma conferência sobre «A neurastenia como doença universal».

As entradas serão pagas, revertendo o produto a favor da Albergaria de Lisboa. Assistirão à conferência o governador civil, vereadores municipais e outros elementos oficiais.

Tomará parte, o dr. Nigro Basciano, no Congresso de Educação Física, no dia 28, na Universidade Popular, realizando uma conferência em que versará o tema: «O alcool e os seus vários perigos».

A tentativa ao polo norte
frustrou-se por 150 quilómetros

BERLIM, 19.—A imprensa comenta com regozijo o regresso de Amundsen, anunciado ontem.

Os últimos telegramas dizem que o aeronáptico sofreu uma pane a 87 graus e 44 minutos, tendo de aterrizar depois de ter percorrido mil quilómetros, e quando apenas 150 lhe faltava para atingir o polo.

Todos os membros da expedição regressaram à baía do Rei em perfeito estado de saúde.

ACREDITA:
Ninguém geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só tem um imenso poderoso

NUCLEO CALCINA
TÓNICO ENÉRGICO
E SCIENTÍFICO
Usado pessoalmente
pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras
LABORATÓRIOS DA VITAMINA FORMOSIMA
Draça dos Restaurantes, 18 LISBOA

A guerra de Marrocos

Uma intimação de Abd-el-Krim

TANGER, 19.—Abd-el-Krim fez anunciar que toda a costa rifiana foi fortificada tendo os comandantes das baterias recebido ordens de fazer fogo sobre qualquer navio que se aproxime.

O mesmo comunicado do chefe moura aconselha os navios neutros a afastarem-se da costa para evitar incidentes.

CONFERÊNCIAS
A Dinamarca país modelo

O sr. dr. Ferreira de Almeida, encarregado dos negócios de Portugal na Dinamarca, realiza pelas 21,30 de segunda-feira na sala Algarve da Sociedade de Geografia, uma conferência subordinada ao tema «A Dinamarca país modelo».

Aquelas carreiras que representam uma verdadeira e indiscutível utilidade social é que devem merecer a escolha por parte de um cérebro bem equilibrado, e entre elas dará a preferência à que melhor coadunar com a sua mentalidade, os seus conhecimentos e as suas possibilidades fisiológicas, sem perder de vista as suas vantagens pessoais.

No que acaba de lhe-se, está, parece-me, condensado tudo que respeita ao aspecto ético-social da escolha de uma profissão, a criação de uma consciência social, que distingue e idealiza profissões conformadas a Béza, o Bem, a Justiça e a Solidariedade.

Próximo da pirâmide de Sakkara foi encontrado um túmulo a cem metros de profundidade, com o comprimento de 25 metros, que segundo as declarações dos eminentes arqueólogos que o visitaram é o mais antigo de que se conhece a existência.

Manor colhido pelo comboio

Recolheu ontem à sala de observações o menor de 5 anos, Delfim dos Santos, que em Entre-Campos foi colhido pelo comboio, ficando muito ferido na cabeça.

A tragédia de Rio Tinto

Depois de casa roubada, trancas à porta...

Depois do burro morto sopraram-lhe ao ralo. Foi sempre assim.

Agora que as vítimas da explosão do Rio Tinto já estão sepultadas no cemitério; agora que o luto, e a fome para alguns, já entrou nos lares — é que se lembraram de fazer um inquérito aos destroços do sinistro.

E como se fala, para se lenitir a desadora impressão pública, no referido inquérito, surgem as desculpas de todos os lados — menos as dos mortos porque não falam, não vêm...

Quanto a nós, as vitórias previdentes deviam-se antecipar aos inquéritos como remédios inúteis aos desastres. E devia, desse critério, não se tem seguido como devia.

Existem circunstâncias industriais, com técnicos abalizados, engenheiros reconhecidos. Essas circunstâncias fôram, parecendo, estabelecidas para fiscalizar as fábricas e oficinas no estado de segurança e no funcionamento das máquinas perigosos.

Essa fiscalização devia ser periódica, assidua, apertada e imparcial, livre de toda a influência amigada ou venal.

As testemunhas de defesa mais vieram aclarar e evidenciar a falsidade da acusação, depoendo com simplicidade e limpidez verdadeiramente impressionantes e mantendo sempre o seu sentido moral.

As testemunhas de defesa mais vieram aclarar e evidenciar a falsidade da acusação, depoendo com simplicidade e limpidez verdadeiramente impressionantes e mantendo sempre o seu sentido moral.

As circunstâncias industriais, com técnicos abalizados, engenheiros reconhecidos. Essas circunstâncias fôram, parecendo, estabelecidas para fiscalizar as fábricas e oficinas no estado de segurança e no funcionamento das máquinas perigosos.

As circunstâncias industriais, com técnicos abalizados, engenheiros reconhecidos. Essas circunstâncias fôram, parecendo, estabelecidas para fiscalizar as fábricas e oficinas no estado de segurança e no funcionamento das máquinas perigosos.

As circunstâncias industriais, com técnicos abalizados, engenheiros reconhecidos. Essas circunstâncias fôram, parecendo, estabelecidas para fiscalizar as fábricas e oficinas no estado de segurança e

A BATALHA

O proletariado deve lutar altivamente pelo regresso de todos os os deportados à metrópole

É PRECISO MANTER O HORÁRIO DE TRABALHO!

Em vários pontos do país as autoridades desrespeitam a lei e protegem os infractores das oito horas de trabalho. Os governantes que deviam ser os primeiros a chamar à ordem os representantes do Estado, entretidos com os «films» rocambolescos de «legiões», não se opõem a que as leis do país sejam esfarrapadas.

O operariado, defendendo os seus mais legítimos direitos, não deve transigir. Lutar pelo triunfo do horário normal de trabalho é um dever social que urge cumprir.

CARTA DO PORTO

O sarilho das carnes

Uma sessão memorável

Rompeu-se a boa harmonia entre os vereadores, havendo um desaguado tumultuoso. Até aqui tudo decorreu às mil maravilhas, não havendo quem, declaradamente exigisse contas, morais e administrativas, à célebre Comissão de Abastecimentos de Carnes, da qual tantas vezes temos falado. E que à sua frente está o sr. Ramiro Guimarães, o tal rei Ramiro presidente da Comissão Executiva desta histórica edilidade portuense.

Devido, talvez, ao grande calor que tem feito, deu-se agora uma terrível combusão de gênios assanhados, dando-se a mutação das escenas... carnívoras.

Há quem suponha, contudo, tratar-se de uma brincadeira sanjoanina. Mas daí pode ser que não seja.

Quem rompeu fogo certeiro no reunião do Senado Municipal de ontem, foi o sr. Júlio Gomes dos Santos, o qual sempre se resolviu, numa forma definitiva, discordar «em absoluto da orientação seguido pela dita Comissão fornecedora».

Como tem havido uma certa campanha contra o monopólio das carnes, exigindo-se à carne mais barata—e, por uma questão de concorrência jornalística, citou o Primeiro de Janeiro, não se lhe bramndo que A Batalha desde há muito se tem ocupado dela—só ontem lhe deu para estranhar que a questão eterna das carnes ainda não fosse decisivamente solucionada...

Também só agora, depois de nós termos feito em tempos tão reparos, se admira que façam parte da comissão fornecedora o director do Matadouro e os veterinários: para boar moral democrática, são, a um tempo, fiscalizados e fiscais...

O presidente da Comissão Abastecedora, soridente, irônico, vencedor, explicou, então, que as vantagens da consagrada Comissão está em não ir às feiras comprar o gado diretamente. Os marchantes vendem o gado no Matadouro (quando não se faz o negócio no café Moreira) e a Câmara encarrega-se da exploração do abatimento das rezes. E está tudo pronto...

Mas o dr. Gomes dos Santos, que fica descontente, atira-lhe com esta «sopa» requestionada: não sabe o que a Comissão Abastecedora fez da verba de 200 contos que recebera...

E dizemos «sopa requestionada», porque aqui atraçado publicámos uma lista de quanto ela cobrou do percentagem da carne em determinados meses, e pregámos o motivo porque não se fazia um relatório elucidativo do recebido, do gasto e do perdido... E nessa altura a Câmara inteira ficou-se caladinho como um «rato»...

A dúvida do dr. sr. Gomes dos Santos deu um enorme charivari que despolou um fígado dos assistentes...

Apasiguados os ânimos entre aquele senador e o sr. Ramiro, limpado o suor da exaltação; interrompida a sessão por algum tempo para, no gabinete contíguo, ser condignamente recebida a direcção da Associação dos Jornalistas de Homens e Letras, a qual foi entregar a Câmara o diploma de sócia benemerita com que a mesma fôrte agraciada—merco do bonito serviço que tem feito—voltou-se ao chifrin, dando o sr. Ramiro explicações sobre a sua entrada na Comissão de Abastecimentos: fizera-o com a condição dos dois delegados dos marchantes... das Companhias Utilidade Doméstica e Nacional dos Talhos desistirem de votar—embora, é claro, pesasse na balança do convencimento amistoso. Deu por menores sobre o funcionamento dos talhos e disse que a sua limitação é duma altíssima vantagem para os pobres consumidores. O sr. Gomes dos Santos arreliou-o com a estocada de que não percebeu a explicação, pelo que o sr. Costa Reis garantiu que, realmente, ele nada compreende: é falso de compreensão...

Então, o sr. Ramiro, insistindo nos seus afeitos esclarecimentos interessantes, esforçou-se por explicar igualmente o lucro dos desgraçados marchantes, trocando-se fôgo lento... de ápartes entre o orador e o sr. Júlio Gomes dos Santos, que o não largou... A questão azeou-se, porque o vereador sr. Guerreiro e Sá requereu que o assunto ficasse por ali, discutido; ficando aprovado por maioria, travou-se nova zara, o presidente abandonou a mesa e o vice-presidente recusou-se a timonar a reunião, abandonando também a sala.

O sr. Carvalho da Silva, na qualidade de senador mais velho, é que salvou a situação, dirigindo-se para o leme e pondo o barco senatorial a funcionar.

Deu-se então isto: o dr. sr. Sousa Júnior, que abandonara a presidência, declarou ser um abafarote o requerimento do sr. Guerreiro de Sá; o sr. João de Brito apresentou uma proposta para que se continuasse a permitir a entrada livre até 3 quilos de carne fresca; o dr. sr. Mendes Vaz convidou, por intermédio duma moção, a Comissão Abastecedora a entrar nos cofres do Município com as percentagens indevidamente cobradas...

Houve espanto de tôda a gente, menos do sr. Ramiro Guimarães, presidente da Comissão: desferiu o sorriso de Marat...

Como resultado de tôda esta trapalhada, voltou-se a defesa da municipalização ou do comércio livre...

O sr. Ramiro Guimarães, um pouco agorá mais sério, afirmou ser aquilo a mesma coisa que se bater num morto; o presidente do Senado em «deserção» apresentou uma moção de ordem pela qual se reconhece a necessidade de se modificar o regime do fornecimento das carnes à cidade. De novo

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Terceira sessão, em 21 de março

O conde de Bugallal, que pedia a intensificação da repressão, algumas horas depois da morte de Dato, advogava no Senado o restabelecimento da normalidade. Foi então que os militares se puizeram de acordo. Em Barcelona a greve dos transportes demonstrou que o movimento revolucionário não morrerá e foi isso que produziu o golpe de Estado. A reacção militar intensificou-se, surdamente, por meio da prisão e da censura rigorosa.

A decisão abster-se da discussão sobre este ponto até que a resolução Borghi sobre a reacção seja elaborada.

Além disso Kater propôe, que devido à circunstância de que uma parte dos delegados só podem ficar na Holanda mais três dias, que se posterguem os pontos 6 e 13 da ordem do dia. O Congresso declara-se de acordo.

O ponto a tratar é o número 7, sobre a solidariedade e propaganda internacionais. O relator Schapiro diz:

Os últimos dois anos que passaram depois do congresso constitutivo da A. I. T., foram pródigos em lutas ásperas, perseverantes e prolongadas entre o trabalho e o capital. Nenhum país do mundo escapou a essa crise. Basta lembrar a greve geral de Portugal, a crise económica da Alemanha, a crise política em Espanha, o fascismo na Itália, a greve geral na Argentina—mencionando apenas os factos mais salientes—para se dar uma impressão do imenso campo de luta que apresenta actualmente o mundo civilizado.

Em cada uma de essas lutas o proletariado foi sempre batido, porque a luta era muito desigual. Enquanto o capitalismo é o Estado tem ao seu activo a organização das suas forças, o exército, a polícia e o dinheiro, a classe operária apenas tem a sua miséria. Em cada luta desencadeada tornou-se sempre evidente um êrro da classe operária: a falta de coesão, a debilidade de organização e a insuficiência de meios materiais. De há algum tempo para cá, no entanto, as organizações nacionais do proletariado em geral e do sindicalismo revolucionário em particular tratam de fazer frente a esses defeitos e nas nossas fases não temos intenção de nos alongarmos sobre esse aspecto nacional sobre as tentativas de super-ação empreendidas pelas próprias organizações.

As fases de coesão que começam a ser nacionalmente remediada, subsiste sempre no terreno internacional. Sobre o ponto de vista nacional, um dos meios para reparar a debilidade material da organização, era a cotização regular de cada membro no seu sindicato. Essa cotização deu à organização operária não só os meios para fazer a propaganda, mas também para subvençor as necessidades da organização e dos seus membros nas horas de crise.

No momento da crise aguda do proletariado alemão em 1923, as subvenções das organizações operárias reformistas e comunistas foram muito mais consideráveis que as que podia permitir-se a F. A. U. D. Como resultado dessa debilidade—por um lado, uma perca bastante significativa de membros que deixaram a F. A. U. D., por outro lado, o debilitamento inevitável da própria F. A. U. D.

A C. N. T. permanece, a-pesar-de tudo, fiel aos seus postulados, não obstante as concomitanças passageiras com os políticos e afirma que a nossa revolução deve tornar-se independente dentro dos partidos políticos.

Mas o caso é que os instrumentos de luta são as armas, as espingardas, as metralhadoras, os canhões e nada disso termos; se há alguém que no-lhos proporcione, seja com que fim for, devemos aceitá-los.

HORÁRIO DE TRABALHO

Em Olhão

OLHÃO, 18.—O regulamento à lei do horário de trabalho é aqui parcialmente cumprido, não tendo as autoridades locais intervindo nesse assunto.

Este lamentável desleixo originou o desemprego dum dezena de operários que se negaram a desrespeitar aquela lei, contra a imposição do ex-soldado e hoje industrial José Martins Baptista.

A participação desta infracção foi já entregue na administração do concelho, esperando-se com anciade o resultado desta transgressão—C.

Na Fábrica de Louça de Sacavém não se respeita o horário

SACAVÉM, 18.—O que se está passando na Fábrica de Louça, no respeitante ao horário de trabalho, toca as raízes do escândalo.

O pessoal dos cilindros e fornos, e bem assim o pessoal das máquinas, foi chamado ao mestre José de Sousa, perguntando-lhe se se desejavam trabalhar por turnos, ou se desejavam continuar a trabalhar como até a recente remodelação da lei das oito horas.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando-a.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, desprezando assim as regras que com